

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Mulheres Empreendedoras Chevron (MEC)

Vários sonhos pra um só caminho

História de [Janiny Anastácio Dutra](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 21/01/2013

Projeto Mulheres Empreendedoras Chevron
Depoimento de Janiny Anastácio Dutra
Entrevistada por Stela Tredice
Rio de Janeiro, 29 de maio de 2012
Realização Museu da Pessoa
Entrevista MEC_HV040
Transcrito por Cláudia Lucena / MW Transcrições (Mariana Wolff)
Revisado por Carolina Maria Fossa

P/1 – Eu queria que você começasse falando o seu nome completo, onde você nasceu e a data do seu nascimento.

R – Eu sou Janiny Anastácio Dutra, nasci em Itaboraí, nasci no dia 17 de março de 1993.

P/1 – E os seus pais, como é que você descreve os seus pais?

R – Minha mãe pra mim é a mulher perfeita, aquela pessoa que não erra nunca, pra mim é o ápice da perfeição, eu procuro ser sempre como a minha mãe, eu acho ela uma pessoa muito honesta, muito sincera, sabe, coisa que é difícil você achar nos dias de hoje. Meu pai eu não tenho muito contato, mesmo morando na mesma casa eu não tenho tanto contato quanto eu tenho com a minha mãe, mas ele é uma boa pessoa, nunca me fez mal, não diretamente, não por querer fazer, então eu sou apaixonada pelos dois.

P/1 – O que eles fazem, Janiny?

R – Minha mãe é professora e meu pai é soldador.

P/1 – Professora de que tipo de escola?

R – Ela é professora de primeira a quarta série, da aula no ensino fundamental, mas ela agora tá fazendo faculdade de Matemática.

P/1 – Ela quer ser professora de Matemática?

R – Quer ser professora de Matemática.

P/1 – E você tem irmãos, irmãs?

R – Tenho um irmão de 11 anos.

P/1 – Então é você e o seu irmão, como é que ele chama?

R – João Otávio.

P/1 – E vocês se dão bem?

R – Bastante, na medida do possível, que ele é mais novo, tem sempre a implicância, mas a gente se dá muito bem.

P/1 – E, assim, você vive então com os seus pais.

R – Com os meus pais e com o meu irmão.

P/1 – E como é que é onde vocês moram, como que é o bairro, é o bairro onde você cresceu?

R – Então, é o bairro onde eu cresci, nunca nos mudamos de lá, é uma cidade, ela é um interior, aquela cidade bem dormitório, que as pessoas vêm muito pra cá, pro centro, pra Niterói pra trabalhar e estudar, mas agora, com esse, com a explosão da Comperj elas, isso tá se modificando, só que o que acontece? A demanda é muito grande, pessoas e carros, mas nós não temos a infraestrutura necessária pra essas pessoas todas, aí essa cidade tá ficando meio superlotada, o meu bairro, a minha cidade tá ficando um lugar com muitos acidentes, muito engarrafamento, mas eu sempre gostei de morar lá, mas essa explosão que tá tendo tá me fazendo mudar de ideia, é meio complicado.

P/1 – O que que é a Comperj?

R – A Comperj é o complexo petroquímico do Rio de Janeiro, é próximo, bem próximo, aí tem caminhões e caminhões, carretas e muita gente vindo pra cá pra trabalhar de todos os lugares do Brasil, aí tem muita gente pra comportar e a cidade não comporta essa gente toda.

P/1 – E como é que era lá na sua infância?

R – Era uma cidadezinha bem pacata, onde você passava na rua, conhecia todo mundo, todo mundo te conhecia, saía muito pouco de lá, então eu fui criada assim, na cidadezinha do interior, como ela tá mudando tá me deixando meio desconfortável.

P/1 – E essa casa que vocês moram é a mesma casa da sua infância?

R – Sempre.

P/1 – Mas como que era na sua infância, a casa?

R – Na minha infância ela era menor, bem menor, eram dois, três cômodos e o banheiro e aí foi aumentando, ampliando e agora ela tá grande, razoavelmente grande, mas quando a gente é criança a gente tem a impressão que tudo é muito grande, então a casa pra mim nunca foi pequena, eu sei que ela foi menor, mas pra mim ela nunca foi pequena.

P/1 – Do que você gostava de brincar quando você era criança?

R – Gostava muito de brincar de boneca e de comidinha, eu nunca gostei de brincadeiras brutas, soltar pipa, jogar futebol, eu sempre fui a da casinha.

P/1 – Você tinha muitos amigos e amigas?

R – Eu tinha alguns problemas de saúde, eu não podia brincar muito em areia, nem grama, nem, aí eu brincava mais dentro de casa, eu era mais reservada, amigos só os da escola.

P/1 – E aí você começou a ir pra escola, como que foi?

R – Muito bom, eu acho que foi a melhor época da minha vida, eu vejo tantas pessoas se apressando pra crescer, sabe, meninas de nove anos que querem se vestir como mulheres, ser mulher, ter a pintura, vestido, mas não sabem que a infância, a minha infância, pelo menos, foi a melhor época da minha vida, você não tem preocupação, você tem liberdade, você faz por fazer, se diverte com pouca coisa, tem uma imaginação incrível, uma criatividade enorme e eles querem passar essa fase como se fosse ruim, depois se arrependem porque com certeza é a melhor fase, eu estudo hoje, eu trabalho hoje na escola onde eu estudei, no jardim que eu também estudei, então depois que eu entrei na escola, depois que eu entrei na escola, depois que eu já era grande eu vi que a escola era pequena, mas pra mim parecia tão grande, era o meu mundo, aquele parquinho, aquela sala, as cadeiras, aquilo era a minha diversão, minha maior diversão.

P/1 – Tem alguma professora que tenha marcado a sua infância, assim?

R – Tia Josi, ela foi minha professora do pré, os três anos, ela é uma pessoa muito doce, gentil, ela é minha visão da professora, entendeu, o primeiro contato que eu tive com a escola foi com ela e ela me ensinou muito bem porque ela me fez ter gosto por aprender, gosto por estudar.

P/1 – Você era estudiosa?

R – Eu sou.

P/1 – Digo na infância.

R – Ah, eu era bem mais do que agora, que você tem mais tempo pra se dedicar.

P/1 – E aí você na escola, assim, como que você ia, você ia sozinha, era pertinho, como que você ia pra escola?

R – É próximo, mas eu sempre fui com a minha mãe, eu era, eu gostava tanto de ir pra escola que teve um dia que eu faltei porque eu tava doente, aí no outro dia não tinha aula, minha mãe não recebeu o bilhete porque eu tinha faltado, minha mãe saía, me deixava na escola e ia sair, tinha o conselho de classe, aí ela bateu na escola e: “Não, não tem aula hoje” e tal, aí a minha mãe: “Então vamos comigo, né, eu vou sair, a gente passeia um bocadinho”, eu: “Não, quero ficar na escola”, aí a professora me deixou entrar, me deixou sentar lá dentro e a minha mãe foi e depois teve que vir me buscar porque eu queria ficar na escola.

P/1 – Você ficou sentada?

R – Fiquei sentada e brinquei de massinha, merendei e fiquei lá de uma às cinco esperando a minha mãe voltar porque...

P/1 – E, Janiny, tinha alguma coisa, assim, que você imaginava nessa época de criança tipo: “Ah, quando eu crescer eu quero ser...”?

R – Quando eu crescer eu quero ser médica, veterinária, professora, eu quero ser tudo ao mesmo tempo, o que não tem nada ver com o que eu quero fazer daqui pra frente, entendeu, eu sei que medicina não tem nada a ver comigo, eu tenho horror a sangue, mas era o meu sonho, veterinária também não porque veterinária tem que ter um amor aos animais e eu não tenho esse amor, essa dedicação e eu sei que isso não tem nada a ver e sendo auxiliar de turma eu vi que eu também, eu acho que eu não tenho muito jeito para a profissão, tem que ter muito cuidado, muito zelo, muita delicadeza, eu não sou tão assim quanto deveria ser e aí eu tô fazendo agora Construção Civil que é o que eu acho que tem a ver comigo, mas eu nunca ia pensar nisso quando eu era criança.

P/1 – Tá e agora, então, ainda voltando, ficando um pouquinho lá no começo, né, bom, você se lembra, assim, voltando mais pra sua adolescência, como que foi, o que mudou muito da sua infância pra sua adolescência?

R – Muita coisa, a minha família na época da minha adolescência tava passando por problemas, meu pai sofre de alcoolismo e ele começou a passar por muitos problemas na época da minha adolescência, ele foi internado várias vezes, gerou muitas brigas, discussões na minha casa, então foi uma adolescência meio difícil, muito diferente da minha infância, porque na minha infância tudo foi bom e na minha adolescência tudo foi ruim, eu tenho até lembranças boas de amigos de escola, mas a parte que me marcou na minha infância foi boa e a parte que me marcou na minha adolescência foi ruim, aí eu fui me afastando um pouco do meu pai, até um pouco da minha família por causa desses problemas, porque quando você passa por problemas você tende a se fechar, a se trancar e eu acho que na adolescência a pessoa tem que se abrir ao máximo pra passar bem por essa fase, que é uma fase meio complicada e eu fiz exatamente o contrário. Então a adolescência pra mim foi difícil, sabe, aquela coisa que você tá torcendo pra aquilo terminar logo de uma vez, muitos pensamentos, muita diferença de pensamento do que você pensa antes e do que você pensa na adolescência, você tem uma visão diferente do mundo, você começa a ver o mundo, quando você é criança o seu mundo é a sua casa e a sua escola, quando você tá na adolescência começa a ver que tem muita coisa lá fora, você começa a ver as coisas erradas, você começa a ver situações erradas que você quer fazer de tudo pra consertar e que não é sua responsabilidade, não é sua obrigação, você não pode consertar o mundo, você pode tentar, mas você não pode consertar, mas pra você consertar o mundo as outras pessoas têm que tá de acordo com você, você sozinha não faz nada, nem ninguém e na adolescência eu queria resolver todos os problemas sozinha, de uma vez, meter a mão, fazer, pronto, acabou, porque eu tava numa fase muito sem paciência e passando por problemas, não foi uma união muito boa de coisas.

P/1 – E, assim, dessas coisas que você falava: “Ah, eu vou fazer, eu vou mudar” teve alguma experiência que tenha sido importante pra você, que você realmente tenha conseguido fazer essa mudança?

R – Então, eu acho que eu não conseguir fazer mudança nenhuma porque o meu pai ainda sofre do mesmo problema, minha família ainda sofre muito com isso, muito, demais, porque você ver uma pessoa que você gosta se destruindo é uma coisa muito complicada, quando a pessoa sofre de, sofre de uma doença que você sabe que vai ser inevitável a morte é uma situação, quando você sabe que a pessoa sofre de uma situação em que não é inevitável, só precisa da mudança dela pra isso acontecer, é outra situação totalmente diferente, você até tenta resolver os problemas dessa pessoa, as situações dessa pessoa pra dar um impulso a mudar, mas se a pessoa não quiser a mudança não adianta você fazer, então eu acho que eu não mudei muita coisa, mas foi tudo um aprendizado, eu tirei as minhas conclusões dessa situação.

P/1 – Você falou que você se fechou um pouquinho, assim, mas você costumava sair, você tinha amigos?

R – Não, nessa época eu tinha amigos, mas não costumava sair, não gostava muito, eu tava bem trancada, bem dentro de casa, casa – escola, escola – casa, não me divertia, não, acho que por isso que foi difícil, não me divertia, não sorria, não sai, era bem meu mundo, meu mundo próprio, criei meu mundo e me tranquei nele pra tentar me proteger das coisas que aconteciam do lado de fora.

P/1 – E você tava indo pra escola e como que era na escola nessa época?

R – Era igual era em casa, eu tava totalmente trancada, a não ser por uma professora, essa professora toda vez que me via triste, sentava, a gente conversava, eu melhorava, eu acho que ela me ajudou muito, agora, tirando isso eu era exatamente como eu era em casa, não falava, não conversava, entrava, saía, aprendia o que tinha que aprender, respondia, passava, aquilo pra mim era o bastante.

P/1 – Bom e namoro, namorado, você se lembra do seu primeiro namoro, como que foi?

R – Eu não me lembro, meu primeiro namoro foi esse que começou ano passado, eu não me relacionava nem com amigos, quanto mais com namorado, não tinha esse, não tinha essa pretensão, tava muito trancada pra fazer uma coisa dessas.

P/1 – Nesse seu momento de reclusão, assim, o que você fazia, você lia, o que você gostava de fazer?

R – É, eu sempre gostei de ler, mas as coisas, é engraçado, é diferente, eu não sei como explicar, tudo parece que te atinge de uma forma muito grande, entendeu, todas as situações, todas as atitudes das pessoas, quando você tá num momento assim tão complicado te atingem demais, então eu tenho certeza, eu me lembro muito bem disso, que eu passava a maior parte do tempo chorando, chorando, chorando, chorando, ai lia um pouco, ouvia uma música e era muito, foi uma fase muito complicada pra mim, foi uma fase difícil e eu me lembro, não triste, mas era como se tivesse algo dentro de mim que tivesse fora do lugar e essa situação me trazia tristeza e quando as outras pessoas faziam alguma coisa que eu achava que era pra mim ou que eu achava que me atingia, isso trazia mais tristeza ainda.

P/1 – Puxa e quando foi que você começou a sair, de que forma que você começou a sair dessa fase, Janiny, o que que tirou desse momento?

R – Foi, foram muitas situações, eu fui fazendo amizades e ai eu frequentava uma igreja, mas também não falava com ninguém e fui fazendo amizades na igreja e mudei de igreja e nessa outra igreja são pessoas bem mais acolhedoras e essa professora do ensino fundamental me ajudou muito, os meus amigos e ai a gente foi mudando e eu to sempre mudando até hoje, tenho certeza que eu não to perfeita nem to tão boa quanto os outros gostariam, nem quanto eu gostaria, mas a gente vai mudando com o tempo, passa essa fase, entendeu, passa essa fase. Tem gente que passa pela adolescência e vira um rebelde e sai e dorme fora e, cada um, cada um sente essa fase de um jeito e reclusão foi o meu jeito de sentir essa fase, mas a fase passa, acontece, aconteceu, não foi bom, não foi bom, mas foi passando com o tempo, entendeu, eu fui ficando mais paciente, mais maleável, aprender a lidar comigo mesma, que até então eu não sabia, você não sabe como agir com você, como você tirar situações boas do que te parece horrível, ai você vai aprendendo com o tempo, a vida ensina muito, o mundo ensina muito, as pessoas que estão a sua volta te ensinam demais e assim foi melhorando.

P/1 – Você é muito sábia pra sua idade, bacana e daí você em alguma momento, assim, você começou a trabalhar, quando foi que você começou a trabalhar?

R – Não, ai eu fiz o Enter Jovem, eu terminei a escola e minha mãe trabalhava nessa escola e ela falou que precisava de uma auxiliar de turma, mas eu nunca gostei muito de criança, ai eu falei: “Ai, cara, pré, são crianças muito crianças, eu não vou conseguir”, ai a diretora e dona da escola me propôs fazer um teste, ficar um mês, se eu gostasse eu continuava, se não eu saía, ela procurava outra pessoa, que ela estava sem ninguém pra colocar no lugar e eu fiquei um mês e vi que você aprende tanta coisa com criança, criança é um ser humano, um ser tão sincero, tão, ela faz as coisas com uma simplicidade, ela sabe dizer não, ela sabe dizer sim, porque às vezes você só diz sim, sim, sim, pra agradar a todos e ela não faz nada pra agradar ninguém, ela tem a liberdade dela, ela sabe dizer não, ela sabe dizer sim, ela ri a hora que quiser, ela chora a hora que quiser, ela pede, pede desculpa com uma facilidade que a gente não tem, ai eu fui vendo essas coisas, sabe, coisas tão pequenas que você vai esquecendo, vai passando e tal, ai eu fiquei lá um ano, o ano passado todo, ai esse ano eu: “Não, vou sair, vou sair” e tal, mas ai eu fiquei mais um mês e to ficando e você vai ficando você se apaixonou por elas, elas tem um jeito de te envolver, sabe, de te, sabe, lembrar de coisas tão boas que você vai, você nem sente o tempo passar.

P/1 – Que bom, bom, então atualmente é o que você tá fazendo, agora voltando um pouquinho, você falou do seu namorado, né, como foi que você conheceu o seu namorado?

R – Eu conheci na igreja, foi que ele veio falar comigo e a gente começou a conversar, ai teve uma festa de aniversário, eu chamei pra ir na festa e a gente foi se conhecendo, estamos há um ano juntos já.

P/1 – E o que que ele faz?

R – Ele faz elétrica de autos.

P/1 – Bacana, vocês têm planos, assim?

R – No momento a gente tem planos, aqueles planos pra daqui a dez anos, entendeu, daqui a dez anos a gente um dia pode casar, mas nada concreto que estejamos nos movimentando pra isso.

P/1 – Tá bom, bom, você me falou do Enter Jovem, né, do projeto, como que você ficou conhecendo esse projeto?

R – Na escola, eles foram na escola divulgar um projeto novo, só que todos os projetos começam e não terminam, então eu já tive várias amigas que começaram um curso de informática que tinha escola e nada terminava, passava dois, três meses, acabava o curso, oi começava o de inglês, passava dois, três meses, acabava o curso, ai a gente dentro da sala totalmente descrente do enter jovem: “Ah, eu não vou fazer inscrição pra isso, não, porque isso daqui a pouco, daqui a três meses vai terminar também”, mas ai: “Ah, vamos fazer, vamos fazer, ta todo mundo junto,

vamos fazer, vamos fazer”, fizemos, mas fomos já com aquele pé atrás, sabe, aquela situação que vai começar e não vai terminar, aí no meio do caminho e não foi assim, foi totalmente diferente, começou, começou bem, terminou bem e a gente começou um outro projeto de turismo e começou bem, terminou bem e teve inglês e foi melhorando ao invés de piorar, o que era diferente do que a gente esperava.

P/1 – Então o que foi exatamente o que você fez aqui no Enter Jovem, que cursos que você fez?

R – Então, tem empregabilidade, tecnologia, te da noção da administração, dos sistemas administrativos, do dia a dia de um escritório, de como se portar, como se comportar numa entrevista, no seu trabalho e aí tem um pouco de marketing, um pouco de telemarketing, um pouco de informática, aí a gente teve módulo de turismo, módulo de qualidade no atendimento, módulo de inglês.

P/1 – O que que você gostou, assim, de fazer mais?

R – Eu gostei, o que eu gostei mais foi o das técnicas administrativas, que eu achei muito interessante, tinha coisas que nem imaginava, coisas que você pode mostrar numa entrevista e que você não mostra porque nem imagina que isso pode resolver alguma coisa, então foi legal essa parte.

P/1 – Como que era, assim, vocês faziam trabalhos em grupo, como que era?

R – É, a gente tinha, teve, tem um trabalho que a gente fez que a nossa sala virou um escritório e cada grupo de três, eu não lembro exatamente se eram três ou quatro, era uma firma e cada um tinha o seu chefe e tinha que lidar com o seu chefe, tinha assistente, auxiliar e ali a gente foi, sabe, entrando naquele tema do escritório, de como era, de como era fazer orçamento, de como era essa situação toda, essa parte foi muito boa e os nossos trabalhos eram sempre assim, pra nos ensinar a lidar com outras pessoas.

P/1 – Nesses grupinhos você se lembra qual foi o seu papel?

R – Eu, se eu não me engano eu era chefe, mas eu até reclamei de ter tirado, de ser chefe porque eu acho que eu não sou muito boa pra mandar, entendeu, pra, porque eu tento não ser rude e aí eu acho que estou sendo fraca e aí eu não sirvo pra essa parte, mas esse foi o meu papel neste grupo.

P/1 – Tá, você acha assim, você acha que esse projeto, né, fazer parte da Enter Jovem, pra você o que ele trouxe de mudança na sua vida?

R – Gente, foi o ano mais incrível da minha vida, foi o ano em que mais eu tive mudança, mais eu tive melhora, eu aprendi a lidar com várias pessoas, eu fiz amigos eternos que são meus amigos até hoje, que a gente se reúne, conversa, brinca e faz bolo pra um e faz pra outro e a gente troca presente no natal, é, são, os meus melhores amigos hoje eu conheci no Enter Jovem, a minha professora do Enter Jovem é uma amiga excelente, a gente conversa até hoje, eu vou na casa dela, tal, foi um ano, não só por causa das amizades, ele muda a sua visão, a sua visão do mundo, a sua visão do mercado de trabalho, como você se prepara pra ele, ele te dá força de vontade, ele te dá sonhos, que às vezes, ainda mais numa cidade tão pequena: “Aí, eu vou fazer o quê? Não vou fazer nada, eu vou ficar”, ele tira essa sua, esse seu, como eu posso dizer? Você fica acomodado, quando você está lá você fica acomodado, ele tira isso, ele te faz se animar, se empolgar com as situações da vida, com quem você vai conhecer, com o que você vai fazer, com o vestibular, com o concurso, ele faz você, ele te dá um ânimo, um ânimo diferente, uma motivação diferente daquela que só, que existe a automotivação, mas às vezes ela sozinha não faz tudo e ele fez grande parte, ele fez tanto que minha mãe hoje faz faculdade por causa do Enter Jovem, porque eu fiz vestibular, aí eu estudava muito pro vestibular e ela estudava junto, aí eu falei: “Ah, mãe, se você tá estudando junto vai fazer o vestibular”, ela fez vestibular, passou pro vestibular e fez faculdade de Matemática, então não mudou só a minha vida, mudou a vida da minha família e eu sei que mudou a vida de todos que estão a minha volta, dos meus amigos, por exemplo, que eu conheço lá, mudou muito. Eu tinha um amigo que era assim meio como eu, muito fechado, não tinha amigos, não saía e tal e agora nós somos melhores amigos e saímos e passamos, conversamos muito, sabe, mudou muita coisa, foi o ano que eu mais tive mudança, foram muitas mudanças num tempo muito curto, que eu acho um ano um tempo curto, tem coisas na vida que demoram uma vida inteira e não muda e lá mudou muita coisa em um ano, foi num estalar de dedos, quando eu vi o ano já tava terminando e as pessoas falando: “Poxa, você ficou tão mais paciente, poxa, você tá falando tão melhor, você tá se comunicando tão melhor”, eu não via essa mudança, mas as outras pessoas viam e me falavam, eu, realmente, eu não fazia assim, eu não tinha essa atitude, eu não tinha tal atitude, eu não falava de tal jeito e foi tudo natural, entendeu, ninguém teve que obrigar, não: “Você está aqui, a partir de hoje você não tem mais essa visão do mundo nem do mercado de trabalho, sua visão é essa, essa e essa”, não é assim, ele vai te mostrando outros caminhos, outras portas e você vai mudando a sua visão, muito surreal de falar assim, as pessoas até não acreditam: “Ah, fala sério, um cursinho de nada, um ano”, mas é bem assim.

P/1 – E, assim, a sua mãe, quer dizer, a sua mãe entrou na faculdade por conta disso então?

R – Por conta disso, que era o sonho da vida dela e aí ela fez vestibular, ela tava 24 anos sem entrar numa sala de aula pra estudar, aí ela: “Aí, mas como é que eu vou fazer esse vestibular” e tal, vamos estudando, vamos estudando e eu passei pro curso de Edificações e ela pra Matemática.

P/1 – Quer dizer, então você estudou, você entrou em Edificações?

R – Ahã.

P/1 – O que que você sente que o Enter Jovem, que perspectivas que ele te deu, profissional, de uma forma profissional, um olhar profissional?

R – Porque até então eu tinha a visão deste mundo, entendeu, minha perspectiva era uma e era só essa, você não, era como se eu não tivesse

outras visões, outros caminhos, como se você só tivesse aquilo pra seguir porque é isso que todo mundo faz lá, então eu só tenho esse caminho a seguir e não é assim, ele me mostrou que não é assim, se você quiser realmente, se você lutar pelo o que você quer, pelo o que você acredita, você consegue ir muito além desse caminho, por exemplo, eu achava uma coisa muito difícil eu estudar fora de Itaboraí, hoje eu estudo em Niterói e acho a coisa mais fácil do mundo e as pessoas de lá falam assim: “Ai, mas você vai pra tão longe pra estudar, que absurdo” não sei o que, não sei o que, é como se meus ouvidos estivessem tapados pra essas coisas, que se você for ouvir sempre o que os outros falam, a dificuldade que eles colocam é tanta, coisas que eu nem vejo, de: “Não, é muito perigoso, não, é assustador aquele lugar”, não sei o que, coisas que você não vê, mas de tanto as pessoas falarem você acaba se conscientizando daquilo com se fosse realmente verdade, mas não é verdade, você pode sim, você pode seguir outro caminho, você pode seguir o caminho que você quiser desde que você lute por aquilo e faça com gosto, com amor, você consegue.

P/1 – E como é que surgiu o curso de técnico de Edificações?

R – Eu fui fazer o vestibular, eu não tinha muita certeza do que eu queria fazer, fiz ENEM, tudo, mas, sabe, aquela dúvida, aquela dúvida incrível, não, eu acho que não é Serviço Social, eu acho que eu quero Engenharia, não, eu acho que não é Engenharia, eu acho que eu quero Mecânica, não, acho que não é Mecânica, aí ficou uma confusão tão grande, tão grande, que eu achei muito tempo pra eu chegar lá no final da graduação e ver, fazer quatro anos e meio, não é isso que eu quero e o curso de Edificação é um curso menor, é de um ano e meio, aí eu fiz vestibular pra tudo e resolvi fazer Edificações porque vamos dizer que fosse perdido o tempo, que nunca é perdido realmente, quer dizer, sempre aprende alguma coisa que vai utilizar, mas mesmo que fosse perdido ia ser um tempo menor do que se eu fizesse uma graduação e descobrisse lá na frente que não era aquilo que eu queria, aí eu fui tentar Edificações, porque Engenharia Civil era uma das minhas opções.

P/1 – Você tá gostando?

R – Eu to gostando, agora eu pretendo fazer o estágio, tem que fazer seis meses de estágio pra você pegar o certificado, pra poder tirar o CREA e tal e eu pretendo fazer o estágio e continuar nessa, nesse ramo de Engenharia, talvez Mecânica, tenho pensado muito na parte mecânica, metálica, mas eu gostei, não foi tempo perdido, foi muito bom, fiz amigos, aprendi muitas coisas, impressionante.

P/1 – Voltando um pouquinho no tempo do Enter Jovem, né, você falou que você fez os melhores amigos da sua vida, é uma turma super unida, tem alguma história, assim, que você goste de lembrar que você viveu nesse período que você tava cursando o Enter Jovem junto com seus amigos, algum trabalho que vocês fizeram, qualquer experiência que tenha sido...?

R – Era tudo muito legal, mas teve o final do curso, nós fizemos uma festa de encerramento com amigo oculto e tudo, mas aí a festa teve que ser à noite, só que a escola onde a gente faz o curso fecha dez horas e aí todo mundo se atrasou e tal, a aula terminou tarde, não sei o que, a reunião, a gente começou a fazer o amigo oculto, deu dez horas, a escola vai fechar, o que que a gente fez? Juntou tudo, bolo, salgadinho, nós fomos pro ponto de ônibus, colocamos tudo, fizemos amigo oculto, cantamos, ligamos rádio, celulares para tocar música e fizemos nossa festa no ponto de ônibus, essa foi a melhor, essa foi a melhor, é a melhor história que a gente tem, a da festinha no ponto de ônibus, foi inesquecível.

P/1 – Legal e o que você espera ainda alcançar, assim, depois que você fez o Enter Jovem, quais são os seus, o que você sente que o curso abriu, você já falou, né, que ele te abriu pra várias coisas, mas você tem ainda objetivos mais além graças as coisas que você viu no Enter Jovem?

R – Muito mais além, ele, antes eu tinha uma visão e agora a minha visão é totalmente diferente e depois que você consegue tirar a venda dos seus olhos, ela, seus caminhos vão, é como se fossem se abrindo, não que estão se abrindo, mas aqueles caminhos já estavam abertos, mas você não enxergava, então agora que eu enxergo é como se os caminhos tivessem mais fáceis, não tá mais fácil, é a determinação que tá maior, mas é como se tivesse mais fácil, então agora eu terminei, terminei, vou terminar Edificações, né, em junho e aí pretendo fazer estágio e já estou fazendo pré-vestibular e no final do ano eu vou prestar vestibular e assim você vai caminhando, não parece, pra mim parece como se as portas tivessem se abrindo, ah, faculdade, mas a faculdade sempre esteve lá, eu é que não tinha determinação suficiente pra pensar que podia fazer, o curso sempre esteve lá, o curso técnico, eu não tinha determinação ou motivação o bastante pra chegar lá e agora eu tenho essa determinação, eu tenho essa motivação, eu tenho essa força de vontade, eu tenho esse sonho de fazer, de conquistar, de chegar.

P/1 – O que você vai fazer agora de vestibular?

R – Eu acho que eu vou prestar pra Mecânica, Engenharia Mecânica, que tem a ver com o que eu faço, não deixa de ser Engenharia, não deixa de usar Matemática, que eu gosto muito de Matemática, então, e eu acho que tem a ver com o que eu gosto.

P/1 – E os seus pais, o que acham de você tá nessa motivação, seus pais, sua família, seus amigos?

R – Minha mãe apoia demais, meus amigos também, meu namorado, todos me apoiam, só que antes eu não via esse apoio, era como se eu tivesse sozinha, tão longe, tão distante de tudo isso, mas agora tá tudo tão perto, tão próximo, depois que você faz uma vez, acho que o difícil é o primeiro passo, depois que eu fiz o vestibular a primeira vez agora pra mim vestibular é uma coisa fácil, eu vou fazer e eu vou passar, isso eu tenho certeza e aí, e todos eles me apoiam, não, vamos fazer, mas tem que fazer pré-vestibular sábado o dia inteiro, não, não tem problema, vai fazer, isso aí é o de menos, tempo a gente arranja depois, isso tudo é um investimento, você vai conseguir, você vai fazer, vai ser bom, você vai gostar, eu tenho toda essa motivação.

P/1 – Quer dizer, você sente que uma das coisas mais fortes que o Enter Jovem te trouxe foi essa autoconfiança?

R – Essa autoconfiança, com certeza.

P/1 – Mais do que aprender inglês ou comunicação?

R – Mais do que qualquer coisa porque com essa autoconfiança eu podia fazer todo o resto sem nem haver o Enter Jovem, mas sem o Enter Jovem eu não tinha essa autoconfiança, você aprende melhor, você se dispõe mais em situações, às coisas, quando você é confiante, quando você tem autoconfiança, quando você tem determinação, força de vontade, as coisas acontecem muito mais fácil, você não fica botando barreiras, impondo, é distância, é condução, poxa, é tão ruim, ah, o ônibus é tão cheio, isso tudo são problemas que você coloca, porque se fosse tão ruim assim não tinha ninguém fazendo, você coloca, você bota as barreiras e depois quer que outras pessoas venham derrubar e não é isso, se foi você quem colocou só você pode derrubar.

P/1 – E das disciplinas, assim, mais formais mesmo que você aprendeu teve alguma que foi muito legal, que você tenha gostado muito?

R – Qualidade no atendimento, é porque não te ensina só a atender as pessoas bem, te ensina a falar bem, se comunicar bem, claramente, pra que as pessoas entendam claramente o que você está falando, que às vezes quando você se comunica e as pessoas não entendem nada, não é porque a pessoa ta com dificuldade de entender, é porque você ta com dificuldade de passar a mensagem e isso te explica, a qualidade no atendimento te faz ver isso no instante, quer dizer, tem que melhorar, que quando a outra pessoa não entende você tem que melhorar a sua forma de se comunicar, a sua forma de falar, o jeito, as palavras que você usa, te ensina a se portar melhor, se comportar melhor, ter postura tanto social quanto no trabalho, na escola, seja lá onde for, te ensina a lidar com as pessoas, a aceitar as pessoas porque do mesmo jeito que você tem defeitos as outras pessoas tem defeitos, você tem que aprender a lidar com isso pra atender bem as pessoas.

P/1 – Pelo o que você falou antes você tinha uma coisa mais fechada, né, você sente que você pode se abrir mais.

R – Bem mais.

P/1 – Depois do curso.

R – É.

P/1 – Ah, que bacana, bom, alguma coisa, alguma outra lembrança, alguma história que tenha sido marcante, que seja marcante pra você desse período no Enter Jovem?

R – Ah, o filme que a gente fez, o filme que a gente fez foi incrível, a gente gravou tudo e tal, mas a gente não tinha visto e aí eu acho, se eu não me engano foi o ano passado, a Chevron chamou a gente pra falar lá sobre o vídeo e a gente...

P/1 – Conta um pouquinho, era sobre o que?

R – Era sobre, era sobre a história da nossa vida, como é que era antes, o que o Enter Jovem mudou, o que ele fez, como é que era a nossa cidade antes do Enter Jovem, porque nós viramos ponto turístico, agora tem muitas pessoas lá que fazem Enter Jovem, mas quando você passava com aquele uniformezinho: “O que você tá fazendo? E da onde é isso? E como é que é o curso? E quanto tempo?”, então a gente virou atração da cidade, aí sabendo disso eles vieram filmar com a gente, aí pediram pra gente contar parte de nossa história e tudo e aí eu falei uma coisa que eu nem sabia que ia ta no vídeo, mas ele perguntou assim: “Ah, qual é o seu sonho?”, perguntou pra minha colega, aí a minha colega falou que ela queria se formar em Fisioterapia ou Massoterapia, não me lembro muito bem, ele perguntou pra mim: “Qual é o seu sonho?”, aí eu falei assim: “Ah, meu sonho, meu sonho é ser feliz, é o que eu procuro” e aí quando a gente foi assistir esse vídeo a gente tinha que falar depois, quando a gente foi assistir esse vídeo eu chorei tanto, tanto, eu chorei e ri que eu não conseguia falar depois, explicar o que eu tava sentindo e tal, porque tinha parte da empresa lá escutando a gente, foi uma palestra pra mostrar como o patrocínio da Chevron tem mudado a vida das pessoas e eu não conseguia falar, que eu tava tão emocionada, tão, sabe, de ter visto aquele vídeo e saber que aquilo era tudo uma realidade, de que tinha mudado realmente, de que pessoas estavam vendo a minha história e que tinha pessoas se, fazendo a minha história de exemplo, que é uma coisa que eu nunca imaginei, então essa hora foi o mais emocionante.

P/1 – Quer dizer que você sente que você virou exemplo então pra outras pessoas?

R – É, porque se eles me levaram pra lá pra contar o que tinha acontecido é porque eu virei um exemplo, que isso pra mim é uma coisa inacreditável, quando me ligaram e falaram que era, eles vão fazer uma entrevista com as histórias de sucesso, aí eu: “Cara, eu sou história de sucesso”, foi isso que eu senti na hora, mas tudo ao mesmo tempo e trouxe uma emoção tão grande e eu lembrar dos momentos, dos meus amigos, da minha professora, foi uma enxurrada de sentimentos, aí eu chorava e chorava e não conseguia explicar, não conseguia externar o que eu queria, porque eu tinha planejado na minha cabeça toda uma história, tudo o que eu ia falar, como é que ia ser, não, vou fazer assim, assim, assim, aqueles planos que você faz e nada foi do jeito que eu imaginei, foi incrível e o vídeo ficou lindo.

P/1 – Pois é e eu também vou te perguntar quais são seus sonhos.

R – Eu tenho vários sonhos, mas todos levam ao mesmo caminho, o que eu procuro é a minha felicidade, quando eu estiver plenamente feliz eu vou ter certeza que todos os meus sonhos vão estar realizados, porque tudo é uma consequência, quando você faz o que você gosta você ganha dinheiro, o dinheiro te ajuda na felicidade, você faz o que você gosta e você tem o dinheiro, então é tudo um caminho que com certeza vai me levar à minha felicidade.

P/1 – Bacana e teve uma coisa que você falou desse vídeo que eu achei engraçado, daqui a pouquinho eu lembro, bom, hoje então você tá trabalhando com criança, né, você já contou pra gente e, assim, além disso, dessa virada na sua vida, quais são as coisas mais importantes hoje, assim, pra você, Janiny?

R – Mais importantes pra mim hoje é Deus em primeiro lugar, minha família, meus amigos porque sem eles eu não sou ninguém e muito importante e que deve haver no coração de todos, mesmo que não acreditem em Deus, mas tem que ter fé, fé que você vai conseguir, fé que você é capaz daquilo, que você é capaz de conquistar, que você é capaz de fazer, essa fé, essa determinação é que move o mundo e pra se mover junto com o mundo você precisa ser capaz de criar dentro de si uma fé, uma determinação, você traça na sua cabeça um caminho e você tem que ser capaz e ter fé que você vai concluir aquele caminho.

P/1 – Você sente que você tá conseguindo?

R – Ai, graças a Deus, eu sinto que não todo nem parte, mas que o primeiro passo eu estou dando e devagar as coisas acontecem, nada é do dia pra noite, você não pode dormir de um jeito e acordar de outro jeito totalmente diferente que as coisas não acontecem assim, mas que a mudança é gradual e que está acontecendo, isso eu tenho certeza.

P/1 – Você falou da sua professora da época do Enter Jovem que vocês ficaram muito amigas, né, mas ela, assim, como professora mesmo na época o que que ela contribuiu, o que ela trouxe pra você que, né, ela como uma educadora, o que que ela passou pra você naquele momento?

R – Então, a educadora, ela tem que passar todo o projeto pra você, todo o Enter Jovem e o Enter Jovem, como uma inserção no mercado de trabalho, ele tem que criar dentro de você essa capacidade, eu acredito que se ela não passasse como deveria ser o Enter Jovem, como eram os módulos, se ela não passasse corretamente a gente não ia ter nada disso, íamos ter ideias totalmente deturpadas na nossa cabeça sobre mercado de trabalho, sobre, e não foi isso, foram passados todos os módulos, todas as histórias foram passadas com muita segurança por ela, o que nos trazia segurança em acreditar no que ela dizia, em ouvir, sem prestar muita atenção, a gente se dedicava ao curso, dedicava tanto quanto à outras coisas, tanto quanto à escola a gente se dedicava ao curso, entende, e ela passava essa dedicação para a gente, a gente só começou a se dedicar quando a gente viu que ela se dedicava àquilo, que ela passava com segurança, que era realmente aquilo que ela tava falando, que aquilo era certo, que ela tinha razão, então ela foi, ela soube muito bem mostrar essas, todas essas propostas do Enter Jovem, ela soube falar muito bem, ela soube nos passar os conhecimentos dela e passar os conhecimentos do Enter Jovem, juntando os dois, o que nos levou a uma aprendizagem muito grande.

P/1 – É uma transformação que você viu também nos seus amigos?

R – Vi em muita gente, praticamente a sala toda, todos se transformaram porque você entra, você entrava no curso de um jeito e saía de outro, mesmo naquele dia que você tá cansado e tinha que acordar cedo e ia com aquela cara de sono, ela estava lá sorrindo, te esperando, explicava com toda a paciência: “Professora, eu não entendi”, explica de novo e ela tava sempre tão receptiva que você, com o passar do tempo você ia perdendo esse cansaço tão grande, esse desânimo, ai meu Deus, acordar cedo era um terror, mas no final do curso você tava tão acostumado, era tão bom aquele momento ali que você não ligava mais pras dificuldades.

P/1 – Como que você ia pro curso, era demorado?

R – Não, a escola é próxima, a gente ia, todo mundo ia a pé, todo mundo é de lá.

P/1 – Aconteceu mesmo em Itaboraí, né, ah, tá bom e bom, Janiny, basicamente é isso, assim, eu queria saber se você tem alguma coisa mais que você gostaria de deixar registrado sobre essa sua experiência do Enter Jovem que eu não tenha te perguntado.

R – Eu acho que é um curso que não pode acabar, entendeu, que como eu tem muitas pessoas que sofrem com situações que nem entendem e que o curso, como lidar com as pessoas, como lidar com os colegas, ajuda muito a passar por essas situações, a adolescência é uma fase muito difícil, muito complicada e você ter outras coisa pra pensar além dos problemas é excelente, esse curso além de te dar outras coisa pra pensar além dos problemas, te ensina algo que você vai levar pra vida inteira, a minha autoconfiança eu vou levar pra vida inteira, a determinação que eles me ensinaram eu vou levar pra vida inteira, saber que eu sou capaz vai ficar na minha vida pra sempre, o Enter Jovem acabou? Acabou, eu vejo os meus amigos, vejo menos a minha professora que transformou em minha amiga, mas aqui dentro ele não acabou, ele tá sempre aqui e às vezes você pensa em coisas: “Ah, poxa, isso não vai dar certo, não”, não, não, não foi isso que eu aprendi, o que eu aprendi é que vai dar certo sim, eu sou capaz sim, eu vou fazer e vai dar tudo bem graças a Deus, pronto, entendeu, ele pode até ter terminado fisicamente, mas ele está psicologicamente dentro de mim sempre.

P/1 – Que bonito, você fala muito bem, então como é que foi aqui contar, dar essa entrevista pra gente?

R – Foi legal, eu já fiz isso uma vez, eu já fiz isso uma vez, já fiz lá no outro filme, mas eu acho que eu falei tudo diferente, tudo diferente, nada nunca é exatamente como você programa, né, mas eu achei bom, eu gosto de falar porque do mesmo jeito que eu mudei eu sei que outras pessoas podem mudar ao me ouvir e podem mudar a impressão que têm do curso, porque a nossa primeira impressão foi horrível, mas a gente terminou muito feliz, então eu acho que ao falar as outras pessoas sabem o que você passa e pode ser até o problema delas também, às vezes a gente passa coisas na vida pra mostrar aos outros que aquilo dá pra passar, que é superável, que você vai sair do outro lado, que vai ser bom, você vai tirar coisas boas dali, não, nada na vida é só situações ruins e você contar isso abre os olhos das outras pessoas.

P/1 – Certeza, puxa, obrigada, foi um prazer ter gravado uma entrevista com você.

R – Foi um prazer.